

**MOSTRA
ESPANHA 2011:**
NOVEMBRO >> DEZEMBRO

Exposição. Fotografia / LISBOA

URBSCAPES
Espaços de hibridação

ARTECAPITAL

Alcatel-Lucent 

[Registe-se](#) [Agenda](#) [Magazine Online](#) [Publicidade](#) [Pesquisa](#) [Links](#) [Contactos](#) [Home](#)

[NOTÍCIAS](#) [ESTADO DA ARTE](#) [EXPOSIÇÕES](#) [ENTREVISTA](#) [PERSPECTIVA](#) [OPINIÃO](#) [ARQ/DESIGN](#) [SCOPE](#)

[MÚSICA](#)

O ESTADO DA ARTE



share |

PARAR E PENSAR...NO MUNDO DA ARTE

SANDRA VIEIRA JÜRGENS

2011-12-07

Artistas, críticos e curadores têm-se esforçado por enunciar reflexões construtivas e exercer o seu sentido crítico em relação às condições atuais da atividade artística. A preocupação maior é parar e pensar, fazer o ponto da situação, aferir as muitas transformações ocorridas neste setor nos últimos anos e projetar novas possibilidades de ação e pensamento num futuro mais imediato. Neste artigo iremos resumir algumas delas e sintetizar o que se tem passado na crítica de arte, no comissariado, nos museus e evidenciar opiniões formuladas maioritariamente na imprensa internacional sobre as diferentes atividades do meio artístico.

A *Art Press* publicou no mês de janeiro de 2011 a transcrição de um debate sobre as evoluções marcantes no mundo da arte no decorrer da última década, que teve o objetivo de fazer um balanço sobre as mudanças e as possibilidades de encontrar novas dinâmicas de trabalho, novos modos de escrever, de exercer o comissariado e de dirigir espaços culturais (1). Nesse debate, coube a Nicholas Bourriaud sublinhar um dos traços mais evidentes da década – o crescimento exponencial do número de propostas artísticas, de artistas, de curadores e de exposições, bem como a consequente dificuldade de abarcar uma perspetiva sobre a situação artística no atual panorama alargado da arte contemporânea. A ilusão de tudo conhecer esboroou-se e, segundo Thomas Boutoux, a popularidade das feiras e das bienais, permitindo que num curto período de tempo se possa ambicionar conhecer muito do que se produz e comercializa, constituem realidades associadas. Mas se a diversidade e a pluralidade de propostas são hoje maiores, ficou também visível o paradoxo referido, de haver uma menor singularidade nos programas expositivos realizados, quer em grandes exposições internacionais, quer em bienais existentes nos quatro continentes no mundo, como atestam as mensagens *e-flux* que diariamente informam sobre o que vai decorrendo nos vários continentes. É pois a reiterada presença dos mesmos curadores, dos mesmos artistas e do fator de industrialização afeto à descoberta de jovens artistas, que responde inversamente, ou seja, em sentido restritivo, à possibilidade expansiva oferecida pelo alargamento territorial da cena internacional da arte contemporânea.

Concomitante à multiplicação dos atores, dos lugares e dos artistas, há acrescidamente a percepção de que o mundo da arte se complexificou e que não é possível continuar a falar de um mundo da arte mas de diferentes mundos da arte, de um universo cuja composição integra mais indivíduos, novas profissões, mais coletivos, e acrescidas sensibilidades, interesses e missões, o que indicia uma maior maturidade e consolidação do setor. Apesar de as grandes transformações e mudanças serem positivas, não deixa contudo de ser perceptível a progressiva saturação dos modelos estabelecidos, quer em relação à crítica ou à curadoria, quer em relação à realidade, ao lugar da arte na atual situação económica e social, que torna ainda mais evidente a precariedade do setor. As pressões económicas aumentam sobre as instituições, a programação obedece a critérios de popularidade, com a secundarização do valor artístico, da sua autonomia perante instâncias publicitárias, de marketing cultural, que deixa a claro os efeitos perniciosos do regime de fluidez consolidado

Outros artigos:

2011-12-07

PARAR E PENSAR...NO MUNDO DA ARTE

2011-04-04

A OBRA DE ARTE NA ERA DA SUA REPRODUTIBILIDADE DIGITAL (I)

2010-10-29

O BURACO NEGRO

2010-04-13

MUSEUS PÚBLICOS, DOMÍNIO PRIVADO?

2010-03-11

MUSEUS – UMA ESTRATÉGIA, ENFIM

2009-11-11

UMA NOVA MINISTRA

2009-04-17

A SÍNDROME DOS COCHES

2009-02-17

O FOLHETIM DE VENEZA

2008-11-25

VANITAS

2008-09-15

GOSTO E OSTENTAÇÃO

2008-08-05

CRÍTICO EXCELENTÍSSIMO II – O DISCURSO NO PODER

2008-06-30

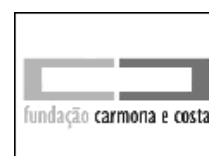
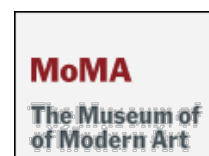
CRÍTICO EXCELENTÍSSIMO

2008-05-21

ARTE DO ESTADO?

2008-04-17

Links



2008-04-17

A GULBENKIAN, "EM REMODELAÇÃO"

2008-03-24

O QUE FAZ CORRER SERRALVES?

2008-02-20

UM MINISTRO, ÓBICES E POSSIBILIDADES

2008-01-21

DEZ PONTOS SOBRE O MUSEU BERARDO

2007-12-17

O NEGÓCIO DO HERMITAGE

2007-11-15

ICONOLOGIA OFICIAL

2007-10-15

O CASO MNAÁ OU O SERVILISMO EXEMPLAR

entre setores e esferas, normalizadas as suas diferenças.

Martí Manen, num texto publicado na *A-Desk* (2), questiona o imobilismo e a paralisia do meio, a existência de uma certa vontade de que nada mude e tudo persista como era. Na sua opinião, é difícil encontrar diferenças programáticas entre as várias instituições artísticas e, na maioria dos casos, os espaços artísticos apresentam uma estrutura organizativa semelhante, aliada aos mesmos sistemas verticais de tomada de decisões e de modos de funcionamento. E no sentido de incentivar a experimentação, dirigida às instituições, a questão que coloca é a seguinte: "Como poderemos encetar a reformulação do presente, do futuro e do passado, quando continuamos limitados a um único modelo que nunca se coloca em dúvida?" (3)

Tendo em conta estes pressupostos, vejamos como se equaciona a evolução da crítica de arte. As intervenções suscitadas no debate da indiciaram que a precariedade do setor determina que os agentes críticos controlem sobejamente o que dizem e sofram o impacto do novo tipo de escrita à maneira "e-flux", estilo de retórica de comunicado de imprensa com uma influência perniciosa na produção autoral. No mesmo debate foi ainda referido que os críticos passaram a ser invisíveis nos seus textos e que a crítica, tendo perdido o seu estilo, deveria reinventar-se, deixar que o leitor pudesse sentir que o crítico está a bater-se consigo próprio e não apenas com o mundo exterior.

Catherine David, em 2008, a propósito de um dos seus projetos em curso, comentava em entrevista (4) que as formas de apresentar o trabalho deveriam ser vivas, já que a realidade muda constantemente, não é estática. Perante a falência da noção de um saber estável, definido, propunha documentar o seu trabalho com recurso à ideia de cadernos, por se tratar de um formato e modelo de produção escrita mais aberto, em alternativa ao comum catálogo. Também em 2008, Chus Martínez afirmava a necessidade de incrementar uma transformação na vida cultural, de atuar no sentido de criar espaços de liberdade para investigar, arriscar, especular, incentivando uma mudança nos vocabulários que falam de arte e nas estruturas argumentativas associadas à produção artística (5). Uma das possibilidades será então pensar a escrita a partir de condições e de uma visão performativa da linguagem, em detrimento de uma visão descritiva, pragmática, caracterizada pelo seu fechamento e por pretensões de objetividade.

Mais recentemente, ecoou a ideia da existência de uma crise do comissariado. Se a curadoria foi de facto uma atividade que nas últimas décadas viveu um ciclo de emergência, afirmação e protagonismo, ela vive agora, segundo a expressão de Montse Badia, momentos de saturação e questionamento. No seu texto "El comissariado en crisis", Badia refere que estamos a viver, em quase todos os níveis de atividade, um processo de redefinição (6). No que diz respeito à crítica, às exposições e ao comissariado, trata-se de "reinventar-se ou morrer, essa é a questão". A sua análise centra-se maioritariamente sobre os modelos curatoriais da Manifesta, que julga oferecerem uma boa cartografia da evolução do comissariado, e um dos aspetos focados é a crescente dissolução da autoria em relação ao tempo de Hans Ulrich-Obirst, a ubiquidade das ideias, a importância da projeção profissional, uma demasiada autorreferencialidade nas propostas e pouca visão ou risco nos modelos seguidos. No mesmo texto, Montse Badia aponta ainda para algumas soluções que poderiam contrariar os problemas enunciados: a seu ver, a resposta está em repensar, investigar a fundo, colocar questões relevantes, apostar mais no conteúdo e no risco e menos nas estratégias de *networking*.

Na verdade, ao contrário de outros setores, supõe-se que o contexto da arte contemporânea seja experimental, seja mais aberto ao exercício contínuo de investigar novas possibilidades. Numa entrevista publicada sobre a próxima Documenta, Carolyn Christov-Bakargiev sustentou que não sentia necessidade de apresentar um conceito para a Documenta 13 que dirige, pois a seu ver a estrutura conceptual das práticas curatoriais veio a transformar-se num cliché, num recurso superficial que não conduz a formas e práticas de emancipação (7). Assim, afirmou: "O que quero dizer é que existe uma jornada política a ser feita, que tem a ver com libertar cada um da obrigação de ser criativo, libertar cada um da obrigação do lazer, libertar cada um do trabalho imaterial pós-fordista. Talvez seja mais interessante apenas colecionar pedras, é por isso que não crio um conceito [para a próxima Documenta]" (8). No mesmo sentido, declarou que em detrimento do termo de curador prefere usar o de agente, por este estar mais associado à ideia de experimentação.

São os rígidos protocolos de exposição e a rigidez das estruturas institucionais que estão em causa. Segundo Anton Vidokle, no ensaio "Art Without Artists?", publicado no *e-flux journal*, o modelo dominante de curadoria tem efeitos problemáticos sobre o mundo da arte, fazendo destacar a necessidade de rever a relação



artista/curador (9). Segundo Vidokle, existe uma espécie de ameaça de a prática curatorial suplantar a prática artística, e de prevalecer uma conceção de artista como ator e de as obras de arte figurarem como adereços que ilustram conceitos curatoriais. O seu alerta continua neste sentido: um movimento nessa direção corre o sério risco de diminuir o espaço da arte, minando os seus produtores: os artistas.

Estes exercícios de questionamento e de crítica às condições de produção e mediação da prática artística, embora com algumas nuances, são fruto de preocupações e insatisfações cada vez mais partilhadas e discutidas pelos intervenientes. Possivelmente não existem respostas satisfatórias em relação à consolidação de novas dinâmicas e condições que propiciem a reformulação de hábitos e modos de funcionamento instalados. Mais importante do que isso será talvez o facto de estas reflexões contrariarem a indiferença generalizada e contribuírem para descobrir formas mais criativas e experimentais de atuar no mundo da arte.

Sandra Vieira Jürgens

NOTAS

(1) "Le Succès de l'art contemporain a-t-il un prix", *Art Press*, n. 374 (janeiro 2011), p. 23-35. Debate com Sinziana Ravini (crítica e comissária), Thomas Boutoux (um dos fundadores da galeria casillo/corrales), Nicolas Bourriaud (Comissário), Harry Bellet (jornalista do *Le Monde*), Catherine Millet e Richard Leydier (*Art Press*).

(2) Martí Manen, "Buscando otras formas. Sobre situaciones estructurales, Manifiesta e instituciones artísticas". In *A-Desk*, n. 71 (12/01/2011). URL: www.tinyurl.com/6m7ywtf

(3) Ibidem.

(4) Entrevista a Catherine David por Xavier Antic - "No hay arte: hay procesos estéticos". URL: www.tinyurl.com/7ljjy76

(5) Chuz Martínez, "Uqbar". In: *El Cultural*, 13/11/2008. URL: www.tinyurl.com/6szrh3d

(6) Montse Badia "El comisariado en crisis. Notas a partir de los modelos curatoriales de Manifiesta". In *A-Desk*, n. 71 (12/01/2011). URL: www.tinyurl.com/7ea3bob

(7) Entrevista a Carolyn Christov-Bakargiev por Fabio Cypriano. In: *Folha de São Paulo*, 02/11/2010. URL: www.tinyurl.com/chvd2ar

(8) Ibidem.

(9) Anton Vidokle "Art Without Artists?", *e-flux journal*, #16, maio de 2010. URL: www.tinyurl.com/72n86r7